

Novo Presidente do Camões, I.P. Cooperação, cultura e língua “numa ótica de integração e inclusão”

Pág. 2

Consórcio de universidades estuda ensino do português no estrangeiro

Pág. 3

Angola Exposição de António Óle nos 50 anos de vida criativa

Pág. 4

Doutoramento *honoris causa* para Manuel Alegre em Pádua

Pág. 3

Missão e prioridades do Camões, I.P. na língua e na cultura

Extratos da intervenção do ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, na tomada de posse do Presidente do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, em Lisboa, a 3 de novembro de 2017

- > O Camões, Instituto da Cooperação e da Língua (CICL, I.P.), é o instituto público encarregado da execução das políticas de internacionalização da língua e da cultura portuguesas e de cooperação para o desenvolvimento.
- > (...) O CICL nasceu, foi crescendo e, apesar de continuar a ser tópico de legítima discussão a bondade de reunir sob o mesmo chapéu língua, cultura e cooperação, o processo de consolidação está em curso, a certificação europeia como autoridade de cooperação foi concluída em seu nome e, portanto, não é hora de voltar a um debate sobre estruturas e sim de prosseguir com o cabal cumprimento das atuais funções. Algum ajustamento tem de ser feito, designadamente para fortalecer o CICL nas responsabilidades acrescidas que tem vindo a assumir na gestão de projetos de cooperação europeia em si delegada, na ação cultural externa e no enriquecimento das formas e plataformas de oferta internacional do ensino da língua; e por isso estamos preparando umas tantas alterações cirúrgicas na sua orgânica.
- > Ter agora à frente do Camões um diplomata de carreira quer também dizer, para além do reconhecimento das muitas qualidades pessoais e do elevado sentido de missão do embaixador Luís Faro Ramos, apostar nas típicas capacidades da profissão para operar transversalmente e articular diferentes dimensões da ação externa.
- > Os meus ouvintes e leitores sabem já que faço uma avaliação muito positiva da atividade do Camões e do seu impacto, em qualquer das suas frentes. (...) Os indicadores objetivos convergem na demonstração de um movimento geral de consolidação, com incremento e até desenvolvimento qualitativo de áreas e orientações específicas.
- > Não estamos ainda ao nível dos maiores institutos europeus de promoção internacional de língua e cultura, quer no que toca a investimento, quer no que respeita a resultados? Dos maiores-maiores, não estamos; mas é a eles que nos referimos.

Orientações

- > (...) Tendaria a sugerir cinco grandes orientações estratégicas para o ensino da língua e três para a ação cultural externa. (...) Começando pela língua, temos chamado à primeira grande orientação estratégica o princípio dos três Cs: conteúdos, certificação, creditação (ou credenciação, não curemos aqui de afinações terminológicas). (...) Depois de anos em que, muito compreensivelmente, o essencial do esforço foi conduzido para o incremento dos “conteúdos” (...), passámos a considerar mais atentamente as questões específicas de certificação e creditação.
- > A segunda grande orientação estratégica é privilegiar (...) a integração do ensino de português nos currículos escolares do maior número possível de países. Com prioridades: os países com comunidades portuguesas significativas – os países da nossa diáspora; os Estados latino-americanos, (...) os países com afinidades específicas com o universo da CPLP (...); os países da União Europeia; todos os outros países a que nos ligam laços históricos ou que estão sendo cultivados contemporaneamente (...).
- > A prioridade à integração curricular não pretende substituir ou sequer desvalorizar as responsabilidades próprias do Camões na oferta de ensino de português para as crianças e jovens das comunidades residentes no estrangeiro (o chamado português-língua de herança). Trata-se, além do mais, de uma obrigação constitucional. (...) Não obstante, aquela continua a ser a prioridade (...). É que o português, sendo a língua materna dos dois milhões de naturais de Portugal que vivem no estrangeiro, e dos seus filhos e netos, não é a língua do gueto que eles não formam, antes a língua deles e de mais 260 milhões de pessoas, ou seja, uma das grandes línguas globais do nosso tempo.
- > A terceira orientação é uma consequência lógica da segunda. O Camões deve investir o essencial do seu trabalho nesta dimensão de apoio, regulação e certificação. Ele não é, nem pode ser, o ministério dos cursos, docentes e discentes de português fora da pátria. Ele não é o sistema de ensino português no estrangeiro, mas sim uma peça essencial, e a nossa própria, desse sistema.
- > (...) Quarta orientação: envolvimento de múltiplos atores, parceria com eles (...). O envolvimento não se circunscreve às instituições de pesquisa e educação. A proximidade entre o Camões e a AICEP (...) também se vê e cultiva aqui. O projeto Empresa Promotora da Língua Portuguesa, (...) inscreve-se neste propósito; é preciso implementá-lo. E vai no mesmo sentido a Resolução de Conselho de Ministros n.º 78/2016, que fixa orientações para a articulação entre a política de internacionalização da ciência e ensino superior e as demais políticas públicas para a internacionalização (...).
- > Quinta e última orientação estratégica (...): o pleno uso do digital. Quer como apoio suplementar à aprendizagem intrafamiliar da língua materna, (...) quer sobretudo por via dos cursos digitais modulados pelos diferentes níveis de proficiência linguística e pelas duas modalidades de ensino autodirigido ou com tutoria (...), a educação a distância é uma via absolutamente essencial do futuro da nossa política de língua.
- > A resolução de Conselho de Ministro n.º 70/2016, sobre a ação cultural externa, estabeleceu as orientações fundamentais nesta vertente. (...) Se estas orientações estiverem corretas, então elas apontam responsabilidades claras para 2018 e os anos seguintes: consolidação do esforço de concertação entre os Negócios Estrangeiros e a Cultura na programação, realização e avaliação da ação cultural externa; comunicação pública adequada; prioridade aos resultados duradouros, isto é, a uma programação sustentável; envolvimento de novos parceiros, começando por outras instituições públicas e do terceiro setor, naquela ação.

Novo Presidente do Camões, I.P. Cooperação, cultura e língua executadas “numa ótica de integração e inclusão” – Luís Faro Ramos



Embaixador Luís Faro Ramos

Cooperação, cultura e língua – “três vetores centrais na política externa” de Portugal – vão merecer do novo Presidente do Conselho Diretivo do Camões, I.P. e da estrutura dirigente deste organismo público “empenho e atenção idênticos”, garantiu o embaixador Luís Faro Ramos no discurso que pronunciou a 3 de novembro na sua tomada de posse, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa.

Luís Faro Ramos, que falou depois de o ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, ter enunciado na cerimónia a missão e as prioridades do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, indicou que mencionou os três vetores “propositadamente por ordem alfabética e não por ordem de importância, porque todos merecerão do Presidente e da estrutura dirigente do Camões, empenho e atenção idênticos”. “Merecem a mesma atenção por serem igualmente importantes a internacionalização da língua e cultura portuguesa e a cooperação para o desenvolvimento, por ser igualmente importante assegurar o ensino do português às nossas comunidades e dar resposta à crescente procura do ensino do português como língua estrangeira, por ser igualmente importante promover a ação cultural externa, promover a língua portuguesa ou desenvolver os muito valiosos projetos de cooperação para o desenvolvimento” executados nos “países parceiros”.

Luís Faro Ramos considerou que nos últimos 8 anos em que foi presidido pela professora universitária Ana Paula Laborinho, cujo trabalho descreveu como “notável”, o Camões, I.P. “viu-se perante a

circunstância de quase literalmente absorver o ensino de português no estrangeiro e a cooperação para o desenvolvimento”, crescendo “em dimensão e em visibilidade, mas também em responsabilidade”.

O diplomata considerou que “cooperação, cultura e língua, valem naturalmente por si”, mas “têm um potencial enorme para se beneficiarem mutuamente e adicionarem valor à política externa global, desde que sejam pensados e executados numa ótica de integração e inclusão”.

O novo Presidente do Camões, I.P. inseriu a atividade do instituto nos “objetivos primordiais” da política externa portuguesa para a presente legislatura, elencados pelo responsável pela pasta dos Negócios Estrangeiros no semáforo diplomático de janeiro de 2017. Assim, referiu o embaixador Luís Faro Ramos, a língua portuguesa será tratada na atividade do Camões, I.P. como “uma das mais importantes línguas globais do mundo de hoje”, um “novo modelo para a cooperação” será definido, “a cooperação multilateral no âmbito da CPLP [Comunidade dos Países de Língua Portuguesa] desenvolvida e a relação com as comunidades portuguesas modernizada. “Eis aqui, muito claramente, objetivos que o Camões deverá prosseguir no âmbito das suas competências”, declarou.

Luís Faro Ramos sublinhou ainda que “do lado dos desafios” enunciados por Augusto Santos Silva no seminário diplomático, em janeiro passado, “há vários que dizem respeito à atividade do Camões”, a saber, “o desenvolvimento de conteúdos digitais

para o ensino de português no estrangeiro; as parcerias com a cultura e o ensino superior para a promoção da diplomacia cultural e científica e a colaboração entre o Camões, a AICEP e as empresas, tirando todo o partido de programas como a ação cultural externa ou da empresa promotora da língua portuguesa”.

Na sua intervenção, o embaixador – que sublinhou o facto de a escolha de um funcionário diplomático para presidir ao Instituto Camões “distinguir e dignificar a carreira diplomática portuguesa” – apelou a que “todo o universo do Ministério dos Negócios Estrangeiros”, bem como, “nas respetivas áreas de responsabilidade”, outros ministérios, assumam “os temas que ocupam o Camões”, pois estes “são centrados no contexto da política externa de Portugal”. Luís Faro Ramos nomeou entre “os outros ministérios relevantes para essa política externa”, “os chamados ministérios de defesa de soberania – defesa, administração interna e justiça –, mas também outros, como cultura, economia, educação, ciência e tecnologia, ou ensino superior”.

Abordando a questão dos recursos humanos e financeiros, o novo Presidente do Camões, I.P. disse que o seu “ponto de partida é gerir e distribuir de forma conscienciosa os recursos humanos existentes e procurar fontes de financiamento diversificadas”. Exemplificou com o que já acontece na área da cooperação e com o programa ‘empresa promotora da língua portuguesa’.

Deixou o pedido de que “o Camões seja considerado de modo equivalente aos outros serviços do Ministério dos Negócios Estrangeiros na colocação de pessoal diplomático, nomeadamente dos jovens diplomatas”, propiciando o “envolvimento do corpo diplomático português nas áreas da cooperação, cultura e língua”.

Sobre o seu trabalho à frente do Instituto Camões, que descreveu como “um desafio aliciante”, Luís Faro Ramos disse que tentará ter presente diversas palavras: “centralidade, centralidade do instituto na política externa portuguesa; ambição, ambição de fazer mais e melhor; método, método na prossecução dos objetivos fixados pela tutela; organização, transmitindo orientações claras e exequíveis; equipa, uma equipa fundamental, tanto na estrutura dirigente como ao nível dos serviços; e sensatez, uma palavra que fala por si”.

Doutoramento *honoris causa* para Manuel Alegre em Pádua



Cerimónia de doutoramento *honoris causa* de Manuel Alegre na Universidade de Pádua

Manuel Alegre (Águeda, 1936) recebeu a 22 de novembro o doutoramento *honoris causa* em línguas e literaturas modernas europeias e americanas pela Universidade de Pádua, em cujo departamento de românicas o poeta português é patrono de uma cátedra de Estudos Portugueses, criada em 2009 com o apoio do Camões, I.P. A cerimónia com a presença do autor decorreu na Aula Magna *Galileo Galilei* daquela Universidade – a segunda mais antiga do mundo e a mesma que, no século XVI, foi frequentada pelo historiador e renascentista

português Damião de Góis –, que pela primeira vez atribuiu tal distinção a um português. Em 2016, aquele grau académico foi atribuído na Universidade de Pádua ao realizador de cinema Steven Spielberg, em ciências históricas, à Prémio Nobel da Paz de 2014 Malala Yousafzai, em formação cultural e sociedade global, e ao cientista polaco Krzysztof Matyjaszewski, em química. A decisão da atribuição do título de *Laurea ad Honorem* a Manuel Alegre pertenceu ao reitor da Universidade de Pádua, Rosario Rizzuto.

O doutoramento foi seguido por um colóquio internacional, intitulado *Manuel Alegre, Poeta da Liberdade*, que se prolongou durante todo o dia seguinte, em que participaram investigadores e estudiosos da obra do autor – casos de, entre outros, Sandra Bagno, Giulia Lanciani, Maria Luisa Cusati e Paola Mildonian – “obra essa que depois da histórica edição de *Praça da Canção* [o seu primeiro livro de poesia, de 1965] deu lugar a novas articulações, em vários registos, em poesia e prosa, inspirada em ideais consagrados à salvaguarda da dignidade humana, particularmente caros à *Universa Universis Patavina Libertas*, o lema da Universidade de Pádua”, segundo escreveu numa nota de apresentação do colóquio, Sandra Bagno, titular da Cátedra *Manuel Alegre*.

De Portugal, estava prevista a presença no colóquio, entre outros, de Francisco Ribeiro Telles, embaixador de Portugal em Roma, Luís Faro Ramos, presidente do Camões, I.P., José Manuel Mendes, presidente da Associação Portuguesa de Escritores, Paula Morão, professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Teresa Carvalho, professora e investigadora na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, José Carlos de Vasconcelos, escritor, jornalista e diretor do *Jornal de*

Manuel Alegre

“Poeta e ficcionista, Manuel Alegre (Águeda em 1936), foi um dos artífices do processo político e cultural que levou à queda do Estado Novo, regime de ditadura que oprimiu Portugal desde os anos 30 e que se desmoronou somente com a Revolução de 25 de Abril de 1974. Manuel Alegre tornou-se, desde jovem, enquanto estudante do curso de direito da Universidade de Coimbra, um opositor à ditadura salazarista, junto com outros estudantes universitários. Quando o regime fez tábua rasa da autonomia da Associação de Estudantes e dos Professores, Manuel Alegre participou, sem hesitar, nos movimentos estudantis pela liberdade, contra a censura do Estado Novo.

Mas a resposta da P.I.D.E., a tristemente conhecida polícia política do regime, não se fez esperar: em 1962, Manuel Alegre foi um dos primeiros recrutados para o serviço militar obrigatório para a combater em Angola, integrando assim o contingente para a guerra colonial. Guerra que prosseguiu por muitos anos, não obstante estar politicamente condenada ao fracasso, pois sustentava-se na opressão dos povos colonizados que lutavam pela sua independência.

Preso em Luanda e posteriormente transferido para Lisboa,

Manuel Alegre conseguiu sair do país, partindo para o exílio, primeiro em França, depois na Argélia. Do exílio lutou, clandestinamente, tornando-se dirigente político da Frente Patriótica de Libertação Nacional e animando a transmissão radiofónica nocturna com o programa ‘Voz da Liberdade’.

Determinado a fazer, de acordo com a palavra poética do autor, “da minha pena a minha espada”, continuou incansável com esse espírito, acampanhando os anseios do povo português, oprimido na sua própria pátria. Cantou nos seus poemas os mais altos valores da liberdade de camoniana memória, fazendo dos seus poemas umas das armas mais contundentes e eficazes, no longo caminho percorrido na luta pela democracia.

Uma década de incansável resistência daria os seus frutos. Um dos sinais tangíveis da força imparável dos seus poemas manifestou-se nos alvares do dia 25 de Abril: entre as canções e palavras de ordem que marcaram a Revolução dos Capitães de Abril, que mudaria definitivamente o curso da História, não somente portuguesa, houve também um poema musicalizado, “Trova do vento que passa”, do livro *Praça da Canção*, de Manuel Alegre, publicado por amigos, em 1965, censurado e proibido pelo regime. (...).

Cátedra *Manuel Alegre*, Universidade de Pádua

Letras, João Céu e Silva, jornalista, Isaías Gomes Teixeira, diretor do Grupo Leya, e Cecília Andrade,

editora na *Dom Quixote* dos livros de Manuel Alegre, que interveio lendo textos poéticos.

Consórcio de universidades estuda ensino do português no estrangeiro

Um consórcio de universidades estrangeiras e portuguesas para a investigação e estudo do ensino do português como língua não materna e como língua estrangeira no estrangeiro vai ser criado com o apoio do Camões, I.P., que tutela a rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE).

A formalização da criação do Consórcio de Reflexão para o Português Língua não Materna e Língua de Herança vai ocorrer com a assinatura de um protocolo de cooperação entre as universidades de Lancaster (Departamento de Linguística e de Língua Inglesa e ESRC – *Centre for Corpus Approaches to Social Science*), Tübingen (LEAD Graduate School & Research Network, *Hector-Institut für Empirische Bildungsforschung* e Departamento de Linguística) Lisboa (Centro de Linguística da Faculdade de Letras), Nova de Lisboa (Centro de Linguística), Porto (Departamento de Estudos Portugueses e Estudos

Românicos da Faculdade de Letras) e Minho (Centro de Estudos Humanísticos do Instituto de Letras e Ciências Humanas) e o Camões, I.P.

A génese do Consórcio permite ao Camões, I.P. assumir “um papel de congregador científico dos centros de reflexão associados ao ensino de português como língua não materna e de herança em Portugal”, bem como de “catalisador de um trabalho de parceria e de cooperação nacional e internacional”, nos termos da resolução do Conselho de Ministros de Novembro de 2016 sobre a política de internacionalização do ensino superior e da ciência e tecnologia.

A ideia de criar o Consórcio partiu da Universidade de Lancaster – com reconhecido trabalho na área da linguística e das ciências sociais –, na pessoa do professor universitário Patrick Rebuschat, que irá coordenar o projeto, coadjuvado pelo Camões, I.P., nomeadamente através da Coordenação de Ensino



Faculdade de Literatura e Ciências Sociais da Universidade de Lancaster

do Português (CEPE) no Reino Unido e Ilhas do Canal (atualmente exercida por Regina Duarte).

A Universidade de Lancaster será a responsável pelos projetos de investigação a desenvolver no

âmbito do protocolo. O *Centre for Corpus Approaches to Social Science* (CASS), sediado na Universidade de Lancaster e financiado pelo *Economic & Social Research Council* (ESRC), “é um centro concebido para trazer um novo método ao estudo da linguagem – a abordagem do *corpus* – a um conjunto de ciências sociais. Ao fazê-lo, fornece uma visão da utilização e da manipulação da linguagem na sociedade a um conjunto de áreas de premente preocupação, incluindo as mudanças climáticas, os crimes de ódio e a educação”.

Entre os objetivos de investigação do Consórcio está o estudo da motivação dos alunos e dos pais para a aprendizagem do português, mediante inquéritos e entrevistas, e o estudo e reflexão com vista à “constituição do primeiro *corpus* de português língua de herança do mundo, a desenvolver ao longo de cinco anos”.

Em vigor durante 3 anos (2018, 2019 e 2020) e renovável por iguais períodos, o protocolo prevê assim que o Camões, I.P. apoie “a criação de um *corpus* de português língua de herança no mundo, através da articulação das CEPE, rede oficial e rede particular, bem como através do contacto junto das missões diplo-

máticas no estrangeiro que contem com diáspora portuguesa e que não tenham estruturas de coordenação de ensino”.

Para além da constituição e desenvolvimento do *corpus*, a atividade do Consórcio compreenderá também formação para investigadores de várias áreas.

No protocolo, o Camões, I.P. compromete-se a “apoiar a investigação sobre o português língua estrangeira e língua de herança, mediante a disponibilização de inquéritos e entrevistas a docentes e estudantes adstritos à sua rede de Ensino do Português no Estrangeiro (Rede EPE)”. No seu primeiro ano de execução, o protocolo permitirá recolher dados relativos ao Reino Unido, estando previsto o posterior alargamento a outras CEPE. Os estudos efetuados sobre a rede EPE permitirão, nomeadamente, gerar dados de interesse científico e pedagógico sobre a rede EPE tutelada pelo Camões, I.P.

A Universidade de Lancaster é a principal financiadora e responsável pela gestão financeira do projeto. Todos os parceiros procurarão “linhas de apoio nacional e internacional para a execução do plano de investigação” decorrente desta cooperação multilateral.

Gente Grave, de Pedro Pereira Lopes, venceu Prémio Literário Eugénio Lisboa



❗ Pedro Pereira Lopes foi o vencedor da 1ª edição do Prémio Literário Imprensa Nacional - Casa da Moeda (INCM)/Eugénio Lisboa em Moçambique, criado este ano com vista a incentivar a criação literária naquele país, segundo uma nota de imprensa divulgada a 21 de novembro.

O galardão compreende a publicação da obra vencedora e atribuição de um prémio pecuniário de 5 mil euros.

A obra inédita distinguida, por unanimidade, intitula-se *Gente Grave* e, segundo o júri, deveu-se

“ao facto de o autor explorar um género pouco trabalhado em Moçambique de combinar o policial e o fantástico”, segundo a nota de imprensa.

“A correção, coerência e coesão linguística” da obra do moçambicano Pereira Lopes foi também sublinhada pelo júri, que decidiu ainda atribuir uma menção honrosa a *Bebi do Zambeze*, de António Manna, realçando a “riqueza do imaginário explorado pelo autor”.

O júri foi constituído pelo escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, que presidiu, e ainda por Teresa Manjate, doutorada em literatura oral e tradicional africana, pela Universidade Nova de Lisboa, e por Alexandra Pinho, diretora do Camões/Centro Cultural Português de Maputo.

Pedro Pereira Lopes nasceu na Zambézia, em Moçambique, em 1987. É contador de histórias e poeta e fundou a revista digital de literatura *Lidilisha* e o ‘Projecto Ler para Ser’. É autor de livros como *Viagem pelo mundo em um grão de pólen* e *O mundo que iremos gaguejar de cor*. Em 2019, recebeu o Prémio Lusofonia/Município de Trofa e, no ano passado, o Prémio *Maria Odete de Jesus*, da Universidade Politécnica de Maputo, com a obra infanto-juvenil *O comboio que andava de chinelos*, atualmente no prelo.

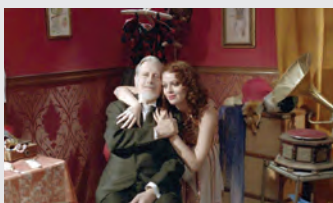
Ao Prémio INCM/Eugénio Lisboa apresentaram-se 36 candidatas, dos quais 22 entregues em instalações do Camões, I.P., em Maputo, 11, em Nampula, dois na cidade da Beira e um em Lisboa.

Colóquio sobre ‘lugares de memória(s)’ em Genebra

❗ Os ‘lugares de memória(s)’ são o tema de um colóquio que amanhã e depois tem lugar na Universidade de Genebra, com a participação de investigadores de universidades de Portugal, Brasil, Alemanha, França, Estados Unidos, Reino Unido e Suíça.

Intitulado *Regresso de África: Perspetivas - Fim de uma cultura de colonos, lugar(es) de memória(s), experiência europeia a partir da descolonização portuguesa*, o colóquio, que conta com mais de dezena e meia de comunicações, é organizado pela unidade de Português e pelo Departamento de História Geral - unidade de História Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade de Genebra e tem o apoio do Camões, I.P.

Cinema português em Moscovo



❗ O público da capital russa é desde ontem convidado a seguir os trilhos da mais recente cinematografia portuguesa, no 5º festival de cinema português de Moscovo, que decorre até domingo.

O festival, que apresenta uma seleção de obras “norteada pelo cuidado estético diferenciado e harmonioso”, tem lugar no cinema Karo Atrium, por

iniciativa do Camões, I.P. e da Embaixada de Portugal, em colaboração com aquela sala de cinema da capital russa.

Contará com a presença do realizador Paulo Filipe Monteiro, que hoje mesmo dará uma *masterclass* na Escola de Cinema de Moscovo, com a participação do crítico de cinema e consultor dos festivais de Locarno e Doc Lisboa, Boris Nelepo. Entre as 4 longas-metragens encontram-se o drama de cariz histórico *Zeus*, o drama policial e passionai *Amor Impossível*, a novela documental *A uma rapariga de distância* e a comédia de costumes *A mãe é que sabe*.

O festival apresenta também “o olhar contemplativo e poético” de 4 curtas-metragens—*O Homem Eterno*, *De Gente se fez a História*, *Ascensão*, *Cidade Pequena*—e “uma autêntica trasladação, no espaço e no tempo, da memória dos homens que faleceram na pesca do bacalhau, com o documentário *A um mar de distância*”.

Realizadoras portuguesas em Seul

❗ Um festival de cinema português dedicado a mulheres realizadoras vai ter lugar de 19 a 31 de dezembro na Cinemateca de Seul, tendo em destaque a cineasta Teresa Villaverde, de que serão visionadas 7 películas: *Colo* (2017), *Cisne* (2011), *Transe* (2006), *Água e Sal* (2001), *Os Mutantes* (1998), *Três Irmãos* (1994) e *A Idade Maior* (1991).

Serão também projetados filmes das realizadoras Catarina Ruivo (*Em segunda mão*, 2012), Margarida Cardoso (*Yvone Kane*, 2014), Marta Pessoa (*O Medo à Espreita*, 2015) e Rita Azevedo Gomes (*Correspondências*, 2016).

Camões/Centro Cultural Português de Luanda Exposição de António Ole nos 50 anos de vida criativa



❗ O título - *António Ole - 50 anos vivendo, criando* - não significa uma retrospectiva da extensa obra daquele que é considerado um dos mais importantes criadores artísticos angolanos. Essa retrospectiva foi feita de alguma forma em 2016, quando uma seleção do trabalho de António Ole (Luanda, 1951) foi mostrada em Lisboa, Luanda e Los Angeles, esta cidade uma etapa natural para uma obra que tem no cinema uma dimensão não negligenciável.

Na exposição que até 20 de dezembro está patente no Camões/Centro Cultural Português de Luanda - um palco revisitado amiúde por António Ole nos últimos anos - são comemorados 50 anos da sua vida criativa através da apresentação do seu trabalho mais recente. Talvez porque o criador embrenhado no seu trabalho nem se apercebeu do tempo passado desde que participou pela primeira vez numa exposição, um salão universitário em 1967, no Museu de Angola. “O tempo passa tão suavemente no recolhimento diário do meu estúdio que, se não fosse uma voz amiga a lembrar-me, nem me apercebia que estou a completar 50 anos de trabalho...um percurso construído a partir de um somar de experiências vividas”, explicou o criador angolano.

Para Teresa Mateus, diretora do Camões/Centro Cultural Português de Luanda, este regresso de António Ole ao Camões, “não para celebrar a vasta e reconhecida obra feita ao longo de

meio século, mas antes para apresentar o trabalho mais recente”, é uma “demonstração de que é sempre possível ir mais além” e uma “confirmação de que a sua arte e a sua vida se confundem e entrelaçam”.

São 25 obras de pintura, em acrílico sobre tela e pigmentos sobre tela, na sua maioria inéditas e, ainda, uma instalação com desenhos em caixa de luz que António Ole apresenta, segundo a nota de imprensa que deu conta da inauguração da exposição a 7 de novembro. “Uma oportunidade, e um privilégio, para o público poder conhecer e acompanhar a evolução de uma referência maior na arte contemporânea, que se faz em Angola”, garante a referida nota.

Escreveu a vice-diretora do centro para as artes e culturas contemporâneas em África Iwalewahaus da Universidade de Bayreuth (Alemanha), Nadine Siegert, citada por Teresa Mateus numa nota de apresentação da nova exposição, que “a obra de António Ole é enorme. O artista tem vindo a trabalhar nas artes plásticas desde a década de 1960, encantando e perturbando criativamente o mundo da arte com trabalhos admiráveis e marcantes em diferentes géneros, incluindo pintura, escultura, cinema e fotografia.”

Traçando o percurso criativo de António Ole, Teresa Mateus recapitula que o criador angolano “começou com o desenho, que considera ser ‘a base de tudo. Depois, a sua obsessão pela ar-

quitetura, particularmente dos bairros da periferia urbana, foi canalizada para a fotografia. A seguir, foi o cinema, que marcou um ciclo e uma fase importante da sua vida, a que chama ‘período americano’. Em Los Angeles, fez estudos superiores em cinema e angariou conhecimentos e experiências, que o ajudaram a sedimentar a génese de um percurso eclético e multidisciplinar, sempre marcado por uma intensa liberdade criativa, na senda de que, a arte, sem deixar de ser interventiva, é a ‘ciência da liberdade’.”

Esse ecletismo é, aliás, assumido pelo próprio artista como uma característica do seu trabalho, quando diz que faz “coisas, umas contra as outras”, com “registos diferentes” e “resultados inesperados”, contradizendo “a coerência e a racionalidade”.

Se há uma aparente diacronia nos sucessivos *media* recorridos pelo artista, António Ole entende que pintura, escultura, instalação, fotografia ou cinema, se cruzam na sua obra “de uma forma muito orgânica”. E essa organicidade tem - subentende-se do que diz - “uma razão de ser, uma ideia que as liga, em tudo próxima do desenvolvimento e cimentação de uma identidade angolana.” Porque, acrescenta no que soa como uma declaração de arte quase comprometida, “a única coisa que posso confirmar, é que para se ser artista, mais do que ter a técnica, é fundamental ter coisas para dizer, comunicar com os outros, porque, a meu ver, só assim a obra se completa”.

“António Ole considera-se a si próprio, ‘um cidadão do mundo’ e ‘um resultado dum encontro de culturas’”, diz Teresa Mateus, que refere o seu “notável percurso internacional”. Mas, assegura, “depois de cada viagem por esse mundo fora, António Ole regressa sempre à sua terra. Ao seu mar, vital para o seu equilíbrio psicossomático, ou não fosse ele um Kaluanda [habitante ou natural de Luanda, NR] puro. Mar, em torno do qual gravita uma boa parte do seu trabalho criativo. Mar, de onde recolhe os objectos, que recicla e transforma em arte. Mar, que bordeja o seu projecto *Insula* e também a arquitetura das suas cidades. Mar, que testemunhou a ignóbil história da escravatura, que o Artista evoca em *Hidden Pages*.”

Rui Chafes - Rumor no MACRO de Roma



❗ A partir de dia 13 de dezembro, será possível visitar nos espaços do Museu MACRO - Museo d'Arte Contemporanea Roma, a instalação *Rumor*, oferecida pelo artista plástico português Rui Chafes (Lisboa, 1966) e que passará a integrar a coleção daque-

la prestigiada instituição italiana.

A escultura consiste em dois elementos verticais, de quase cinco metros de altura, que conjugam a geometria vertical com o volume das superfícies em cimento e com a luz natural do espaço.

O evento conta com o apoio do Camões I.P. e da Embaixada de Portugal em Roma.



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlenkarte@camoes.mne.pt
PRESIDENTE Luís Faro Ramos
COORDENAÇÃO Vera Sousa
COLABORAÇÃO Carlos Lobato